



Síntese dos artigos submetidos ao I SNEA – Grupo de Trabalho 2

Fábio Dal Soglio¹

¹Professor, UFRGS. fabiokds@gmail.com

Nesta síntese, procuramos apresentar os principais aspectos abordados pelos artigos que apresentam experiências em educação em Agroecologia e que serão discutidas no Grupo de Trabalho 2. Reúne principalmente experiências vinculadas direta ou indiretamente a Instituições Federais de Ensino Superior (Ifes). Os relatos abordam experiências pessoais, institucionais e da formação de grupos, núcleos e redes de Agroecologia em universidades, institutos federais, escolas e centros de formação ligados ao Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST). Organizamos esta síntese iniciando por relatos de experiências pessoais de professores de universidades federais, seguindo com a apresentação da experiência em educação técnica e tecnológica em Agroecologia do MST do Paraná, em cooperação com o Instituto Federal do Paraná (IFPR), e finalizamos com os relatos de grupos, núcleos e redes de Agroecologia ligados a universidades federais.

a. A pedagogia da rima – Agroecologia em versos

Iniciamos apresentando a proposta metodológica da pedagogia da rima, trazida pelo professor Sérgio Ricardo Matos de Almeida, da Universidade Federal do Recôncavo Baiano (UFRB) – Campus Valença. Essa metodologia foi desenvolvida a partir de sua experiência como extensionista rural e docente e utiliza a musicalidade encontrada nas rimas, assim como o poder de síntese que se encontra nos versos para conjugar a linguagem literária e o conhecimento técnico-científico. Retoma, assim, a perspectiva de que o conhecimento pode ser uma “aventura prazerosa, instigante e inspiradora”.

Música, poesia, teatro e dança são exemplos que o professor Sérgio aponta como formas de arte que podem ser utilizadas como um recurso didático. No caso da Agroecologia, o verso é apontado como sendo essencial, pois estimula a reflexão. Essa ferramenta se mostra útil tanto em casos de educação formal como na educação informal.

Vários exemplos são apresentados apontando como as rimas e versos focalizam no essencial em diferentes oficinas que foram conduzidas ao longo dos últimos anos. Essas



oficinas são destinadas tanto a docentes como a discentes interessados no método pedagógico e realizadas em três momentos, com carga horária média de 4 horas. Inicialmente, o método é apresentado pelo facilitador, seguido de um momento de apresentação de alguns trabalhos em pedagogia da rima, finalizando com um exercício prático em que um tema é proposto e cada participante sugere uma estrofe sobre ele. As estrofes são então sistematizadas, produzindo um poema coletivo.

Trazemos, aqui, alguns dos exemplos apresentados, destacando os que procuram conceituar ou caracterizar a Agroecologia:

Agroecologia é ciência e sabedoria,

Tem na sustentabilidade

Sua meta todo o dia.

[...]

Agroecologia é mudança na concepção,

Produção sustentável

Fazendo conservação.

[...]

Agroecologia é saber

Teórico e complexo.

Fica muito mais fácil

Com rima e verso

O exercício proposto, além de ser um método que facilita o processo de ensino-aprendizagem, estimula os estudantes à leitura e à escrita. Além disso, permite um momento de autoconhecimento e autorrealização.

b. Criando espaços na Geografia – a experiência de uma professora de Agroecologia

Em seguida, trazemos uma síntese do trabalho da professora Mônica Cox de Britto Pereira, da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), que apresenta sua experiência *Agroecologia na formação universitária: da Ecologia à Agroecologia e do ecossistema ao agroecossistema*. Segundo a professora Mônica, trata-se de uma “experiência pedagógica de bases agroecológicas” que se iniciou com a sua aproximação com o conhecimento



ecológico das populações tradicionais, quando assumiu o cargo de professora do Departamento de Geografia e passou a oferecer a disciplina Biodiversidade e Cultura. Isso contribuiu para a desconstrução de conceitos ainda dominantes na área de Biologia e Ecologia que pressupõem que, para a conservação ambiental, é preciso isolá-la dos humanos e que o desenvolvimento leva à destruição. Para isso, também colaborou um curso que realizou, promovido pela rede de Agroecologia RJ, organizado pela AS-PTA e a Fazendinha Agroecológica da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa) e Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ).

Também apresenta como uma experiência importante o oferecimento, entre 1998 e 2010, da disciplina Agroecologia como eletiva no curso de Geografia da Universidade Federal Fluminense (UFF), mas disponibilizada a outros cursos, como uma proposta interdisciplinar. Essa disciplina tinha como objetivo construir o enfoque agroecológico, de forma participativa, procurando desenvolver o senso crítico dos estudantes e contribuir para a formação de profissionais capazes de atuar em uma sociedade complexa. Também buscava abordar o ensino, a pesquisa e a extensão de forma integrada e referenciada aos diferentes contextos socioambientais.

A Agroecologia, na experiência apresentada, é entendida como um paradigma emergente construído pelo confronto com o paradigma atualmente dominante na nossa sociedade e que é representado pela visão cartesiana e tecnicista. Como método pedagógico, foram utilizados trabalhos de campo, buscando a aproximação com as experiências dos atores, como agricultores, pescadores e assentados da reforma agrária. Foram valorizados aspectos como sensibilidade, coletividade, participação, autonomia e horizontalidade. Esses contatos e oportunidades de diálogos de saberes possibilitaram a construção de uma universidade contextualizada e que se aproxima da sociedade.

c. A formação de militante-técnico-educador em Agroecologia nas escolas do MST/PR

O terceiro artigo foi submetido por Dominique M. P. Guhur, Aparecida do Carmo Lima e Nileney Toná, da Escola Milton Santos, do MST do Paraná, José Maria Tardin, da Escola Latino Americana de Agroecologia, do MST do Paraná, e João Claudio Madureira, do IFPR. Com o título *As práticas educativas de formação em Agroecologia da Via*



Campesina do Paraná, os autores procuram, nesse artigo, fazer uma sistematização das experiências pedagógicas na formação profissional em Agroecologia que a Via Campesina e o MST realizam no Paraná.

No Paraná, desde 2001, o MST tem realizado ações em educação em Agroecologia, e a partir de 2003 foram iniciados os cursos técnicos em Agroecologia, com o apoio do Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária (Pronera). Esse programa foi iniciado em 1998, como resultado da mobilização social em torno de experiências de educação realizadas pelos movimentos sociais, especialmente o MST, em parceria com universidades públicas.

Na atualidade, o MST e a Via Campesina mantêm, no Paraná, três escolas — Escola José Gomes da Silva (EJGS); Escola Milton Santos (EMS); e Escola Latino-Americana de Agroecologia (Elaa) — e um centro de formação — Centro de Desenvolvimento Sustentável e Capacitação em Agroecologia (Ceagro) — que oferecem cursos técnicos de Agroecologia e que já formaram mais de 380 profissionais. Essas instituições de ensino não são vinculadas ao sistema público de educação e oferecem cursos nas seguintes modalidades: Técnico em Agropecuária com Ênfase em Agroecologia; Técnico em Agroecologia Ensino Médio Integrado; Técnico em Agroecologia/Educação de Jovens e Adultos; Tecnólogo em Agroecologia; Técnico em Agroecologia com Ênfase em Sistemas Agroflorestais; e Técnico em Agroecologia com Habilitação para a Produção de Leite. Os cursos são realizados em parceria com o IFPR, o qual emite a certificação, e, por serem financiados pelo Pronera, atendem exclusivamente beneficiários da política de reforma agrária.

Nos cursos de formação em Agroecologia desenvolvidos, a esta é tratada como sendo ligada à busca de soberania alimentar e energética, à defesa e recuperação de territórios, à reforma agrária e urbana, à cooperação e à aliança entre o campo e as cidades, e inclui a produção de alimentos com defesa da vida e consciência política e organizacional. A Agroecologia, assim, colabora com a luta dos trabalhadores contra a lógica de reprodução do capital.

Os princípios teóricos e metodológicos da formação em Agroecologia, para esses cursos, estão ligados à Pedagogia do Movimento Sem Terra a partir de três fontes fundamentais: a Pedagogia Socialista; a Educação Popular; e o materialismo histórico



dialético. O ser humano, assim, é visto como protagonista, que estabelece relações sociais, interagindo com a natureza e com os processos históricos, numa perspectiva dialética. Os cursos buscam formar profissionais com o perfil de militante-técnico-educador em Agroecologia. Como base, são tomados elementos da Escola Nacional Florestan Fernandes (ENFF) e métodos desenvolvidos no Instituto de Educação Josué de Castro (IEJC), que orientam os seguintes eixos metodológicos: regime de alternância; trabalho como elemento pedagógico fundamental; formação integrada ao processo de produção; organização dos tempos educativos; organização de coletivos; relação escola e comunidade como elemento estratégico; e qualificação aliada à escolarização e à formação política. Como dimensões pedagógicas do Projeto Político-Pedagógico (PPP), são entendidos: o Estudo; o Trabalho; a Organicidade; e a Convivência. A formação profissional é buscada com a articulação entre conhecimentos técnico-científicos, políticos e organizativos.

Nas experiências em educação em Agroecologia relatadas no artigo, a formação na coletividade promove a construção do princípio de educação marxiana, unindo educação e trabalho em diferentes perspectivas.

Finalizam dizendo que “[...] pensar a educação vinculada a um Projeto de Campo é um processo contraditório, de tensão permanente entre realidade e projeto; entre o campo real, existente, e aquele que se deseja construir, especialmente nesse momento histórico”.

d. O Grupo Apêti da UFV – Agroecologia é sonhar e realizar

No artigo *Apêti: uma experiência de formação de grupos agroecológicos*, Christina Grupioni, Raphaela Mendes, Willer Barbosa e Guilherme Erthal, da Universidade Federal de Viçosa (UFV), fazem um relato do surgimento do grupo, em 1995, informando que o nome é uma referência ao modelo de consórcio de espécies encontrado na agricultura Caiapó. Até 2005, o grupo manejou um sistema agroflorestal (SAF) em área da UFV, iniciando em 2007 o manejo de uma nova área, em cooperação com o Centro de Tecnologias Alternativas da Zona da Mata (CTA-ZM).

O grupo está vinculado ao Programa de extensão Teia, da UFV, e desenvolve atividades educativas, formais ou não, como a Feira da Troca, a Quinta Agroecológica e, aos sábados pela manhã, os encontros para manejo do SAF. Também realizam oficinas, cursos e palestras.



O grupo tem utilizado a metodologia Dragon Dreaming para suas atividades de planejamento. Esse método procura empoderar os participantes e é executado em quatro estágios: sonhar; planejar; agir; e celebrar. Através desse método, e contando com discussões realizadas durante o *IV Encontro Nacional de Grupos de Agroecologia* (IV Enga), coordenada pelo grupo em 2012, desenvolveu-se a ideia de criar uma Cooperativa de Trabalho e Serviços em Agroecologia e Permacultura, formada por integrantes de grupos de Agroecologia da UFV. Essa proposta teve o apoio da Cooperativa de Consultoria, Projetos e Serviços em Desenvolvimento Sustentável Ltda. (Cedro), sediada no Rio de Janeiro, que está assessorando o grupo e contribuindo para sua institucionalização. Esse é um aspecto favorável para a formação de profissionais críticos e resulta na formação cidadã com preocupações socioambientais.

e. O Núcleo Agrofamiliar da UFRPE – indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão

No artigo de Horasa Andrade, Betânia Santos, Luciano Andrade, Eraldo Gallese, Launa Muniz e Cássia Leite, com o título *Formação e movimento agroecológico: a atuação de um Grupo de Agroecologia e seu papel na formação universitária e em processos de desenvolvimento rural sustentável*, é apresentada a atuação do Núcleo de Estudos, Pesquisa e Extensão em Agroecologia e Agricultura Familiar e Camponesa (Agrofamiliar), da Universidade Federal Rural de Pernambuco – Unidade Acadêmica de Garanhuns (UFRPE/UAG). O Núcleo tem um grupo de estudos, inspirado pelos círculos de cultura de Paulo Freire, que se reúne nas sextas-feiras para discussões sobre Agroecologia e a construção do pensamento agroecológico. Também apoia agricultores em transição e participa de eventos em Agroecologia.

Para o Agrofamiliar, a Agroecologia é entendida como uma ciência com enfoque sistêmico e que está de acordo com a perspectiva da indissociabilidade entre pesquisa, extensão e ensino, o que também deve ser foco das universidades. É dentro dessas perspectivas que os projetos do Núcleo são desenvolvidos e em que se baseia o seu projeto pedagógico.

O Núcleo tem como princípio metodológico os métodos participativos, a pesquisa-ação e a pedagogia da pergunta. Através de suas atividades, possibilita uma experiência de



aproximação entre a universidade e os contextos rurais e tem apoiado o empoderamento dos agricultores. Com suas várias ações, realizando oficinas, estudos, preparando material educativo, apoiando a organização dos agricultores e participando de diferentes articulações que facilitam a realização de políticas públicas, o Agrofamiliar tem conseguido consolidar a proposta agroecológica em diferentes níveis, concretizando a união entre ensino, pesquisa e extensão, o que caracteriza a universidade.

f. O Nepea-Ufes e a construção do conhecimento agroecológico no ES

É também uma experiência de formação de um Núcleo de Agroecologia, o Núcleo de Estudos, Pesquisa e Extensão em Agroecologia da Universidade Federal do Espírito Santo (Nepea-Ufes), de que trata o artigo *Diálogo e vivências na construção dos conhecimentos agroecológicos: a experiência do Nepea-Ufes*, de João Carlos Santos e Rafaela Dorneles. O projeto do Nepea foi estimulado pelo Edital 58/2010 do MDA/CNPq, tendo como objetivos a organização de um banco de dados sobre inovações tecnológicas e pesquisas sobre Agroecologia no Estado do Espírito Santo.

O Nepea entende que o conhecimento agroecológico é construído pela integração do conhecimento científico e outras formas de conhecimento. Além disso, necessita a integração entre diferentes disciplinas, como Biologia, Ciências Agrárias e Ciências Humanas. Toma como referência conceitual para Agroecologia os trabalhos de Miguel Altieri, sendo definida como “[...] a disciplina que disponibiliza os princípios ecológicos básicos para estudar, projetar e manejar formas de agricultura para poder produzir conservando os recursos naturais”. Citam também as noções de *sustentabilidade e desenvolvimento* propostas por Caporal e Costabeber, objetivando o “desenvolvimento local agroecológico”. Assumem como componente metodológico a metodologia de experimentação participativa, contemplando as práticas tradicionais e os mecanismos sociais como rituais e cerimônias.

O espaço empírico definido, com base nos enfoques teóricos e metodológicos definidos, e dialogando com a Articulação Capixaba de Agroecologia (ACA), para a ação do Nepea, foi o de pequenos agricultores, agricultores assentados e quilombolas. Procurou-se, no processo de levantamento de dados, atender ao princípio da participação, realizando-se um seminário com organizações que desenvolvem ações educativas com agricultores



familiares. Foram discutidos os desafios da Educação Popular, e usaram-se como referência para o estudo sobre metodologias participativas referenciais a pesquisa participante e o Diagnóstico Rápido Participativo (DRP). Na definição dos procedimentos e instrumentos utilizados no levantamento, houve também a contribuição do projeto *Agroecologia, mapeamento e participação: processos em rede na construção do conhecimento agroecológico*, desenvolvido na UFF em parceria com a Articulação de Agroecologia do Rio de Janeiro. Os diálogos realizados permitiram reconhecer especificidades e multiplicidades dos atores e dimensões que são envolvidas nos saberes e práticas da Agroecologia.

Foram realizadas, entre 2011 e 2012, 63 visitas de campo a experiências de produção agroecológica, onde, além da coleta de dados, foram efetuadas vivências, que inclusive permitiram acompanhar diferentes momentos das comunidades e estabelecer relações de confiança. Como resultado do trabalho, foram identificados eixos temáticos para o debate agroecológico no ES: disputa territorial; segurança alimentar; sistema de produção; educação; cultura; e comercialização. Essas temáticas foram discutidas na etapa final do projeto em um Encontro de Práticas e Saberes, com conclusões importantes para que se possa ampliar o trabalho sobre a transição agroecológica e a definição de políticas públicas.

Entre os resultados do trabalho, verificou-se que o acesso à terra continua a ser condição essencial para o desenvolvimento da agricultura familiar camponesa. A produção agroecológica apresenta uma diversidade e qualidade de alimentos que contribui para a soberania alimentar com um extenso acervo de métodos de produção desenvolvidos com base na observação e experimentação e que são transmitidos de geração para geração. A participação das famílias e dos movimentos sociais são importantes na troca de conhecimentos sobre Agroecologia, sendo possível perceber em alguns relatos a associação sobre a permanência dos jovens no campo com a opção pela agricultura de base ecológica e os aprendizados nas Escolas Famílias Agrícolas (EFAs). Também destaca-se a importância da cultura e dos festejos na construção do conhecimento agroecológico. Com relação à comercialização, os resultados apontam para o fato de que muitas famílias conhecem e acessam diferentes políticas públicas, a exemplo dos mercados institucionais como o Programa de Aquisição de Alimentos (PAA) e o Programa Nacional de Alimentação



Escolar (Pnae). Ainda observou-se que as feiras municipais são utilizadas e proporcionam, além da venda de produtos, a aproximação e troca de experiências entre produtores e consumidores.

O Nepea, como desdobramento das atividades, tem proposto formas de comercialização dentro da universidade, com a organização de feiras em diferentes *campi*, viabilizando o acesso aos produtos a consumidores urbanos. Esses espaços também permitem a troca de ideias sobre Agroecologia, sobre a Campanha Permanente Contra os Agrotóxicos e pela Vida, sobre a Economia Solidária e outras propostas que visam a sustentabilidade.

g. A experiência da UFRGS: lenta institucionalização da Agroecologia e a formação de rede

Por último, no texto *A Experiência da Universidade Federal do Rio Grande do Sul em Agroecologia*, Fábio Dal Soglio, Lisiane Brolese e Gustavo Ayres apresentam um relato sobre como diferentes ações que assumem a perspectiva agroecológica são desenvolvidas na UFRGS, mesmo com todas as dificuldades trazidas pelo modelo de organização das universidades brasileiras, reflexo do modelo ainda hegemônico de uma ciência compartimentada e reducionista. Muitas frentes questionam esse modelo e propõem uma visão sistêmica e que dialogue com as diferentes formas de conhecimento. Essas frentes estão conseguindo implementar na UFRGS diferentes grupos e programas — dos quais muitos se preocupam com áreas do conhecimento próximas à Agroecologia, incluindo a participação de estudantes e professores, bem como de atores ligados a movimentos sociais e a organizações não governamentais — e foram favorecidos por apoio institucional e financiamento de projetos em Agroecologia que passaram a ser acessados nos últimos 15 anos, tanto no Estado do RS como no Brasil.

Ao longo desses anos, tem sido possível coordenar atividades de ensino, pesquisa e extensão em Agroecologia na UFRGS, adotando métodos participativos, com resultados bastante significativos em termos de produção acadêmica e de integração com a sociedade em diferentes níveis. Com participação na realização de importantes seminários e congressos de Agroecologia, colaborando inclusive na criação da Associação Brasileira de Agroecologia e de importantes revistas na área, os grupos da UFRGS continuam



ativamente a produzir na área e a ampliar a institucionalização da Agroecologia na universidade. Hoje, existe um currículo no curso de Agronomia que considera fortemente a Agroecologia, com uma área de formação em Gestão Ambiental e Manejo de Agroecossistemas, bem como a Agroecologia tem espaço de formação na pós-graduação em diferentes programas, especialmente no Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural (PGDR).

Como forma de coordenar diferentes ações de ensino, pesquisa e extensão, colaborando especialmente na atividade de extensão universitária, foi criada em 2008 a Rede Orientada ao Desenvolvimento da Agroecologia (Roda). A Roda tem atuado como espaço de articulação de grupos, núcleos e projetos e propiciado melhor articulação das ações em Agroecologia, Etnoecologia, Economia Solidária e Bioconstruções. São utilizados métodos participativos, a perspectiva orientada aos atores (POA) e outras referências teóricas e metodológicas que implicam na busca da Construção do Conhecimento Agroecológico (CCA), considerando a Agroecologia como “[...] ciência com enfoque sistêmico, que integra diferentes conhecimentos e busca o redesenho dos agroecossistemas”. A Roda procura preservar a diversidade dos grupos, assim como a multiplicidade de percepções para a construção da rede. Busca-se valorizar a horizontalidade de relações na participação dos diferentes grupos e núcleos e a construção de uma agenda positiva que possibilite a maior institucionalização da Agroecologia na UFRGS, assim como a integração entre ensino, pesquisa e extensão e a forte conexão com a sociedade.

Nas suas ações, a Roda tem conseguido apoio institucional de diversas formas, como bolsas para estudantes, recursos financeiros para a realização de projetos, oficinas e seminários, e disponibilidade de infraestrutura e apoio de transporte quando são necessários. Vários projetos, contemplados com apoio de recursos de editais públicos, estão sendo realizados. Um deles é o trabalho de mapeamento de experiências em agroflorestas e o estabelecimento de unidades comunitárias de experimentação em agroflorestas.

Na UFRGS, com esses diferentes projetos e com a contribuição da Roda, tem-se conseguido avançar não apenas com resultados na construção de redes estaduais e nacionais sobre Agroecologia, mas principalmente na educação de profissionais que assumem a Agroecologia como foco central de suas ações. Além disso, a atividade em rede permite



melhor uso de recursos e a consolidação das conquistas que seriam mais difíceis se fossem feitas de forma individual nas diferentes áreas do conhecimento. A modificação das universidades depende da mobilização e capacidade de inovar que são realizadas pelos diferentes grupos e que precisam superar os limites do desenho institucional ainda muito influenciado pelo modelo cartesiano de ciência. Isso pode ser favorecido pela capacidade de que sejam estabelecidas ações em rede que se ponham a quebrar o paradigma ainda dominante nas universidades e que consigam colocar essas importantes instituições a serviço da sustentabilidade do planeta Terra.

h. Lições das experiências e indicações de metas para ampliação do espaço para a Agroecologia na Educação Superior brasileira

Poucas são as experiências que apresentam uma institucionalidade mais forte de educação em Agroecologia. No geral, a Agroecologia ainda é uma área disputando espaço dentro das instituições e com uma ação ainda bastante ligada à extensão. O caso diferente é o das escolas do MST no Paraná, que oferecem cursos técnicos e tecnológicos em Agroecologia. Esses cursos pretendem uma formação pelo trabalho, pela Pedagogia da Alternância e com inserção social. Mas essa experiência ainda depende de apoio de programas especiais, sem o oferecimento regular e independente, pois requer financiamento do Pronex e de certificação do IFPR com base em convênio. Uma experiência que de certa forma apresenta um vínculo maior com uma Ifes na área de graduação é a da UFRGS, que mantém no seu currículo do curso de Agronomia uma linha curricular na área de Gestão Ambiental e Manejo de Agroecossistemas, na qual estão inseridas disciplinas obrigatórias e eletivas de Agroecologia e áreas afins.

Por um lado, a maioria das experiências apresenta vínculo junto às Ifes como projetos de extensão ou algumas disciplinas obrigatórias ou eletivas em cursos específicos, muito em função da ação de alguns professores que trabalham com Agroecologia. Por outro lado, as experiências de extensão universitária mostram a capacidade de desenvolver uma grande diversidade de ações e permitem uma ampla gama de parcerias interinstitucionais, aproximando os grupos, núcleos e redes de Agroecologia à sociedade. Entre os parceiros da extensão universitária, em projetos mais ou menos institucionalizados, encontram-se os movimentos sociais, organizações não governamentais, instituições públicas de extensão ou



pesquisa e comunidades de agricultores. Isso faz com que as experiências permitam uma aproximação dos estudantes e professores com agricultores familiares, agricultores assentados, comunidades quilombolas e comunidades indígenas. Através desses projetos, é possível articular ações de ensino, pesquisa e extensão em Agroecologia, possibilitando aos estudantes uma maior aproximação com a realidade dos problemas rurais. Ao mesmo tempo, nos projetos de extensão, podem-se realizar cursos, seminários e oficinas, que, além de colaborar com a formação dos estudantes, também permite que se discuta a Agroecologia nos ambientes universitários de uma maneira que muitos acadêmicos se sentem mais confortáveis e que de alguma forma acaba por ajudar na busca de espaço institucional.

Existe uma convergência entre todas as experiências quando se trata da conceituação de *Agroecologia*, entendida como área do conhecimento que integra o saber comum ao saber científico, com relação à necessária adoção de uma abordagem sistêmica. Entretanto, em algumas experiências, a Agroecologia é vista quase como se aproximando de uma disciplina, enquanto em outras é entendida numa perspectiva interdisciplinar, ou de ciência que recebe contribuição de diferentes áreas do conhecimento. Mas em todos os casos a mudança de paradigma é apontada como sendo fundamental para a transição agroecológica, deixando o modelo reducionista de ciência e assumindo uma visão holística.

Em algumas experiências, existe uma opção clara por métodos participativos como ferramentas para favorecer a integração de saberes e a comunicação entre a academia e a sociedade. A participação e o protagonismo são destacados como sendo importantes para possibilitar tanto a interdisciplinaridade quanto a troca de saberes, fundamentais para a transição agroecológica plena. A participação também é destaque na formação de grupos, núcleos e redes de Agroecologia, visto que essas diferentes configurações permitem um maior protagonismo aos estudantes, estimulando processos de organização e de trabalho em equipes interdisciplinares, que certamente possibilita a formação de profissionais mais habilitados a trabalhar com o enfoque agroecológico.

Diferentes métodos pedagógicos também são utilizados pelas experiências, como a pedagogia do verso, a Pedagogia da Alternância, trabalhos de campo, vivências e experiências de trabalho. Essas experiências se diferenciam dos métodos pedagógicos tradicionais ainda prevalentes nos cursos convencionais, que repetem os modelos



pedagógicos tradicionais diretivos, nos quais professores transmitem seus conhecimentos aos estudantes. As experiências pedagógicas apresentadas destacam a perspectiva construtivista, de troca de saberes e que respeitam os diferentes conhecimentos. Essas diferenças apontam para a necessidade de se investir na formação de professores que saibam operar esses recursos metodológicos de forma mais abrangente, assim como a necessidade de formação ampla no uso dos recursos dos métodos participativos e da pedagogia construtivista quando se ampliam as perspectivas de educação em Agroecologia nas universidades, em especial nas Ifes. Poucos professores de fato estão preparados para aplicar essas metodologias.

Algumas experiências apresentam também relação com a pesquisa, com destaque aos modelos de pesquisa-ação e de pesquisa participativa. O financiamento a esses projetos de pesquisa, no entanto, está sendo alcançado principalmente através de editais ligados à extensão, em especial os editais apoiados pelo MDA através do CNPq. Algumas experiências de pesquisa são focadas no mapeamento de experiências e no levantamento de prioridades junto às comunidades, para ampliar e consolidar os processos de transição agroecológica. A formação em pesquisa-ação, em pesquisa participativa e em outros métodos de pesquisa que incorporem a participação da sociedade e do conhecimento local e tradicional, precisaria ser mais efetiva. Da mesma forma, os recursos para pesquisa e ensino em Agroecologia, consolidando a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão nas universidades públicas federais, deveriam estar garantidos pela Constituição Federal. A ação junto ao CNPq e à Capes para assegurar esses financiamentos é fundamental, e só a articulação das experiências universitárias em Agroecologia pode ajudar a concretizar essa meta.

Ainda são tímidos os projetos de pesquisa dos núcleos de Agroecologia focados em métodos agroecológicos de produção, assim como no entendimento do funcionamento dos agroecossistemas em suas diferentes dimensões. Entretanto, as universidades apresentam uma diversidade de ações de pesquisa que se dedicam a esses aspectos que não necessariamente se assumem como “agroecológicas”. A articulação entre o ensino e a extensão universitária em Agroecologia com esses diferentes grupos de pesquisa, que podem colaborar para o desenvolvimento de agroecossistemas mais sustentáveis, poderia potencializar a contribuição das universidades, em especial das federais, à Agroecologia.



Um caminho para isso poderia ser a articulação em redes dentro das universidades e com outras instituições de ensino, pesquisa e extensão. Essa articulação pode ser apoiada por financiamento específico, mas, mais do que isso, é necessário que sejam realizados esforços que apoiem essas aproximações dos núcleos de Agroecologia com outras áreas da academia. Pode haver uma certa resistência a essa perspectiva, pois ainda, em alguns círculos, a Agroecologia não tem recebido o reconhecimento acadêmico. A qualificação dos trabalhos acadêmicos em Agroecologia, com maior divulgação nos meios tradicionais, como revistas científicas, livros e congressos de outras áreas, pode aproximar a Agroecologia de outros campos do conhecimento e permitir uma maior interdisciplinaridade.

A Agroecologia ainda continua muito vinculada aos cursos nas áreas agrárias e com poucas experiências em outros cursos, como a Geografia. No entanto, diante das questões que são colocadas pelas experiências e da indicação de que apenas com a interdisciplinaridade se poderá ampliar o enfoque agroecológico nas universidades, é preciso garantir maior participação de outras áreas do conhecimento. Da mesma forma, isso aponta para a necessidade de que o debate sobre a transição agroecológica ocorra dentro das demais áreas do conhecimento. Essa meta é dificultada pela estrutura normal das universidades, divididas em departamentos e em cursos autônomos. Os esforços dos núcleos e grupos, feitos em seminários e em oficinas, não estão conseguindo mudar a universidade, sendo mais efetivos na sua capacidade de se integrar com outras instituições e com os movimentos sociais.

Uma possibilidade de ampliar essa capacidade de diálogo dentro das universidades poderia ser a construção de centros e de programas de pós-graduação interdisciplinares. Entretanto, embora a interdisciplinaridade seja amplamente destacada como necessária, inclusive pelas agências de fomento à educação, o ambiente universitário ainda é bastante conservador para que ela possa ser colocada em prática. As experiências destacam que essa interdisciplinaridade está sendo atingida parcialmente através de cooperações interinstitucionais e ações informais, e não de fato pela institucionalização dessas ações. Uma possível estratégia seria a de influenciar as políticas públicas para a educação em Agroecologia, considerando o ambiente favorável da Política Nacional de Agroecologia e Produção Orgânica, criando as condições necessárias para que grupos e núcleos de



Agroecologia pudessem assumir, de forma mais institucional e duradoura, a organização de cursos de Agroecologia em diferentes níveis. Essas perspectivas demandam concursos para professores, em diferentes áreas, com a formação em Agroecologia. Para isso, é preciso um movimento duplo: influenciar internamente para que as universidades aprove projetos que criem vagas para a Agroecologia; e formar mestres e doutores com visão agroecológica em diferentes áreas do conhecimento. Uma ação nacional para que essas duas estratégias possam ser encaminhadas, reunindo uma ação conjunta de todas as associações, movimentos e articulações que atuam com Agroecologia e áreas afins, é fundamental, dando suporte aos grupos, núcleos e redes que se formam no interior das universidades, em especial das Ifes.